

# Aproximações: Nelson Rodrigues, subjetividades e escrita literária<sup>1</sup>

**Luiza Mariani**

Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação Social da UERJ.  
Doutora em Letras pela UFF

94

## **Resumo:**

Este ensaio pesquisa a origem de traços da subjetividade do jornalista, cronista e escritor Nelson Rodrigues, resgatando aproximações que ele teria articulado com o chamado espírito de época dos anos 25, no século XX, quando começou a trabalhar como repórter de polícia no jornal *A Manhã*, de propriedade do seu pai, Mário Rodrigues.

**Palavras-chave:** Nelson Rodrigues; Subjetividade; Reportagem de polícia.

## *Abstract:*

*This essay searches the origin of subjectivity traces of the journalist, chronicle, novel and playwright Nelson Rodrigues, rescuing approaches that he would have articulated with the so called spirit the 20's, in twentieth century, when he began to work as a police reporter in the newspaper *A Manhã*, property of his father, Mário Rodrigues.*

**Keywords:** Nelson Rodrigues; Subjectivity; Police report.

O texto literário do jornalista, cronista e escritor Nelson Rodrigues é um precioso laboratório para se tentar apreender a origem de alguns traços da subjetividade deste autor. A pesquisa de origens do modo de ver o mundo do escritor remete ao princípio do século XX, em busca de aproximações que ele teria articulado com o chamado “espírito de época” dos anos 25 quando, adolescente de 13 anos e meio, começou a trabalhar como repórter de polícia no jornal *A Manhã*, de propriedade de seu pai, Mário Rodrigues.

Imagens e valores da época, resgatados por meio da leitura e da análise de reportagens de polícia e outros textos publicados em jornais daquele período, além de obras de Benjamin Costallat e de Dostoiévski, comparados com trabalhos de Nelson Rodrigues, poderão revelar se houve uma identificação deste autor com essas imagens e valores, de que modo este processo poderia ter acontecido e se estas referências do “espírito de época” teriam sido fundamentais na maneira como ele se colocou na realidade, a ponto de serem entrevistas em seu trabalho, já adulto.

O estudo abrange reportagens de polícia e outros textos publicados nos jornais *A Manhã*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *A Noite*, *O Paiz* e *o Jornal do Commercio*, nos anos 1925 e 1926, além de um pequeno estudo das obras *Mlle. Cinema* e *Os maridas*, de Benjamin Costallat, editadas naquela ocasião. Também será apreciado o parecer que, quase cem anos antes, Machado de Assis emitiu como censor da peça *Les lionnes pauvres*, do dramaturgo francês Émile Augier.

A análise que aqui se empreende reúne estudos e trabalhos publicados pela autora da presente pesquisa, sublinhados agora pelo viés da subjetividade, e se coloca como um rito de passagem importante destinado à ampliação desses estudos para o campo latino-americano. Esta referência é necessária porque o termo “aproximações”, utilizado no título desta pesquisa, é uma licença que pretende homenagear o pensador uruguaio Ángel Rama – está no discurso deste autor e na raiz norteadora dos estudos que ele desenvolveu. No trabalho agora apresentado, o termo ainda não está empregado com a força do sentido a ele emprestado por Rama.

Como o arqueólogo referido por Benjamin (1993) que, à procura de pistas, escava o campo em busca do objeto da sua pesquisa, o trabalho começou em uma tentativa de encontrar uma ponte entre a escrita elaborada nos periódicos do início do século passado até os dias de hoje, um período de quase um século. O objeto da pesquisa era a ligação entre a escrita subjetiva, percebida nos periódicos de 1925-1926 e o modo objetivo do texto jornalístico, introduzido nos jornais cariocas um quarto de século mais tarde. O estudo, que investigou textos atribuídos a Nelson Rodrigues ainda adolescente na redação de *A Manhã*, partiu de uma reclamação deste autor, já adulto, expressa em um texto conhecido:

1 Sou do tempo anterior ao *copy-desk*. Tinha treze aos quando me iniciei no jornal, como repórter de polícia. Na redação não havia nada da aridez atual e pelo contrário – era uma cova de delícias. O sujeito

ganhava mal ou simplesmente não ganhava. Para comer, dependia de um valor utópico de cinco ou dez mil réis [...].

**5** Havia na imprensa uma massa de analfabetos. Saíam as coisas mais incríveis. Lembro-me de que alguém, num crime passionai, terminou assim a matéria: “– E nem um goivinho ornava a cova dela”. Dirão vocês que este fecho de ouro é puramente folclórico. Não sei e talvez. Mas saía coisa parecida. E o Pompeu trouxe para cá o que se fazia nos Estados Unidos – o *copy desk*.

**6** Começava a nova imprensa. Primeiro, foi só o *Diário Carioca*, pouco depois os outros, por imitação, o acompanharam. Rapidamente, os nossos jornais foram atacados por uma doença grave – a objetividade. Daí para “o idiota da objetividade seria” um passo [...].

**8** [...] Um exemplo da nova linguagem foi o atentado de Toneleros. Tôda a nação tremeu. Era óbvio que o crime trazia ali, no seu ventre, uma tragédia nacional. Podia até ser a guerra civil. Em menos de 24 horas o Brasil se preparou para matar ou para morrer.

**9** E como noticiou o *Diário Carioca* o acontecimento? Era uma catástrofe. O jornal deu-lhe este tom de catástrofe? Não e nunca. O *Diário Carioca* nada concedeu à emoção ou ao espanto. Podia ter posto na manchete, e ao menos na manchete, um ponto de exclamação. Foi de uma casta, exemplar objetividade. Tom estrita e secamente informativo. (RODRIGUES, 2002).

96

Nelson Rodrigues ofereceu pistas preciosas para o estudo. Reivindicou a época que vivenciou aos 13 anos, quando entrou para a redação de jornal. Situou-se no tempo cronológico que, também, era o tempo de formação da sua subjetividade, quando a escrita jornalística noticiava tragédias com emoção, longe do tratamento objetivo que o jornalista Pompeu de Souza trouxe para o *Diário Carioca*, importado dos Estados Unidos, nos anos 50 do século passado. A partir da implantação da nova formatação de estilo, a forma defendida por Nelson, encontrada nos jornais do início do século XX, passa a ser considerada “subjetiva”.

Porém, estão apagadas algumas das pistas que Nelson deixou entrever no texto original da crônica famosa, da qual foram transcritos fragmentos. Neste ensaio, considera-se a crônica como um texto inscrito entre a literatura e o jornalismo, conforme assinalam Muniz Sodré e Ferrari (1986). Admite-se também, com Antonio Candido, que “a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas” (1992). O texto original de “Os idiotas da objetividade” foi publicado no dia 22 de fevereiro de 1968, na coluna “As confissões de Nelson Rodrigues”, que este autor assinava na página dois de *O Globo*. “Capítulo LV: E, súbito, as redações foram invadidas pelos idiotas da objetividade”.

Uma comparação entre o título acima, da crônica original, e a forma como foi publicado, com o título e o modo como foi editado no livro, revela que o título original foi alterado e que Nelson Rodrigues costumava publicar seus trabalhos em capítulos. Ou seja, o texto original foi alterado na edição da editora paulista. Sem a comparação com a forma original seria difícil tentar

restabelecer a dimensão das coisas, uma propriedade da crônica, conforme assinalou Antonio Candido. Ou, como aconselha Benjamin:

[...] Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalhasse a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada mais são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens [...].

[...] E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. (BENJAMIN, 1993, p. 239)

Nelson Rodrigues aproximou-se do próprio passado quando escreveu a crônica famosa, cujas pistas foram parcialmente apagadas no texto republicado, sem que o fato fosse avisado ao leitor. Traços deste passado podem ser percebidos na imprensa carioca do início do século passado.

Quando Nelson Rodrigues iniciou sua carreira de jornalista, as páginas de *A Manhã*, *O Paiz*, *O Globo* e *A Noite* transbordavam emoção, tanto na escrita quanto na diagramação, com o uso dos pontos de exclamação que foram lembrados por ele décadas mais tarde, além das letras encorpadas, em negrito. *O Jornal do Brasil* e *O Jornal do Commercio* eram mais sóbrios. Fragmentos de algumas das matérias publicadas nestes jornais serão apresentados mais adiante.

Os seis jornais se aproximavam quando a matéria era de polícia. Havia um vocabulário comum na escrita, embora a forma de apresentação da notícia variasse entre um modo mais contido ou a valorização das emoções. “Tragédia” e “scena de sangue” eram termos recorrentes na escrita jornalística de polícia da época. O termo “tragédia” foi utilizado por Nelson no texto “Os idiotas da objetividade” para comentar o crime ocorrido na rua Toneleros, no qual um militar foi morto a tiros, em Copacabana, quando o alvo era o jornalista Carlos Lacerda.

O estilo de Nelson na formatação do seu trabalho, ou seja, a apresentação do texto em capítulos, numerados com algarismos romanos, é outra pista que conduz o presente ensaio à época em que ele entrou para a redação de *A Manhã*. Os jornais do início do século XX publicavam romances na forma de folhetins, oferecidos aos leitores em capítulos numerados em algarismos romanos, a cada edição. Nelson Rodrigues era um leitor assíduo. Segundo Castro (CASTRO, 1997), na adolescência ele leu *Rocamboles*, de Ponson du Terrail; *Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue; *Epopéia de amor*, *Os amantes de Veneza*, de Michel Zevaco; *As mulheres de bronze*, de Xavier de Montépin; *A esposa mártir*, de Enrique Pérez Esrich; *Elvira, a morta virgem*, de Hugo de América, e *O conde de Monte Cristo* e *Memórias de um médico*, de Alexandre Dumas pai.

*A Manhã* foi lançada no final de dezembro de 1925. No dia 30 do referido mês anunciou ao público o início da publicação de *Crime e castigo*, de Dostoiévski, na forma de folhetim, traduzido por Câmara Cascudo.

Possivelmente foi nas páginas do jornal que Nelson leu esse livro e, segundo Castro (1997), fez de Raskolnikoff um dos seus personagens favoritos. O protagonista de *Crime e castigo* encontrou terreno fértil para defender as idéias de Dostoievsky na sociedade carioca.

O nosso folhetim (Câmara Cascudo traduz)

[...] O grande povo moscovita apresenta várias afinidades com o nosso. As obras dos escriptores russos são além disso profundamente humanas, agitando sempre as grandes tragédias Moraes, os grandes dramas sociaes, emfim, todos os problemas que mais affectam a collectividade.

[...] Crime e castigo. É um desses livros que transportam os leitores ao ambiente moral onde se debate a consciência do personagem.

Quando deparava com a figura amargurada de Raskolnikoff, sentimos a mesma asphyxia lenta e dolorosa, o desespero cruciante do irreparável, e, a medida que se annuncia a aurora de uma ressurreição moral, invadidos pelo mesmo allivio bemdito, sentimos o desejo enternecido de ser bons...

Os personagens de “Crime e castigo” são figuras reaes, descriptas com verdade surprehendente. Os grandes problemas sociaes, que há séculos vêm agitando o espírito humano, são debatidos por um cérebro gigantesco que também soffreu as angustias cruéis dos humilhados.

98

O fragmento acima foi publicado na capa do jornal. Não está assinado. Percebe-se como o redator anônimo lidava com a idéia de expor aos leitores a “consciência” do personagem, isto é, “o desespero cruciante do irreparável” e “a aurora de uma *ressurreição moral*” (grifo nosso). O autor utilizou os termos “ressurreição” e “moral”, desvelando aqui a sua articulação com idéias do moralismo, provenientes do teatro realista francês, que foi encenado nos palcos cariocas na metade do século XIX.

*Les lionnes pauvres* (As leões pobres), texto do dramaturgo francês Émile Augier, foi submetido à apreciação de Machado de Assis, que trabalhava também como censor do Conservatório Dramático Brasileiro. O parecer de Machado nos revela como ele se identificava com as idéias do propósito moralizador do teatro e da função moralizante que a arte dramática deveria exercer, numa revisita ao pensamento do teatro realista francês.

Jobim elaborou uma reflexão acerca das idéias que conduziam a finalidade do teatro encenado no Rio de Janeiro, no século XIX (JOBIM, 2002).

Um dos pressupostos do realismo teatral de origem francesa é a crença no teatro como força regeneradora e moralizadora a ser aproveitada em favor das virtudes e deveres do homem. O palco, então, se torna uma tribuna onde é encenada a defesa dos “valores éticos burgueses”. Ou seja, a escola francesa de realismo teatral vê a cena como um “meio de disseminação dos valores oitocentistas” (JOBIM, 2002).

Na cena brasileira, desenvolveu-se um arcabouço cultural e político para garantir o teatro como força regeneradora e moralizadora, capaz de

potencializar virtudes e desejos do homem. Um fragmento dos artigos orgânicos do Conservatório Dramático Brasileiro, criado em 1843, revela o desejo dos fundadores do Conservatório de “promover os estudos dramáticos e melhoramentos da cena brasileira por modo que esta se torne a escola dos bons costumes e da língua”.

O propósito da moral e da estética estava presente na argumentação de um documento dirigido ao imperador, solicitando a aprovação dos artigos orgânicos do Conservatório Dramático. Na primeira página do documento, de 12 de março de 1843, a arte dramática seguia “na emenda dos costumes, na pureza da linguagem e na escola do bom gosto [...]”.

Dois anos depois foi atribuído o papel de censor ao Conservatório, por meio do decreto número 425, de 10 de julho de 1845. As peças de teatro deveriam ser encaminhadas ao chefe de polícia, acompanhadas da “censura do Conservatório Dramático Brasileiro, em qualquer sentido que seja [...]”. Sem o visto do chefe de polícia a peça não poderia ser encenada.

Jobim lembrou o pensamento de Machado de Assis, quando o escritor, em dezembro de 1861, trabalhando como censor no Conservatório, responde a uma provocação de Antonio Joaquim de Macedo Soares: “Cumprer que o povo não saia do teatro sem levar consigo alguma moralidade austera e profunda. A arte só, a arte pura, a arte propriamente dita, não exige tudo isso do poeta, mas no teatro não basta preencher as condições da arte”.

A resposta de Machado de Assis revela a articulação do escritor com as idéias provenientes do teatro realista francês, revisitadas no Brasil através do Conservatório Dramático. Augier era favorável à divulgação dos malefícios da sociedade através do teatro. Para o dramaturgo francês, se fosse verdadeira a idéia de que contar coisas ruins poderia provocar ainda mais coisas negativas, então pior seria a publicação no jornal *Gazette des Tribunaux* de crimes julgados nos tribunais, inclusive com o método utilizado pelos criminosos. O pensamento de Augier surge nas palavras de Pommeau, personagem da *Les lionnes pauvres*:

*Pommeau*

Bah! O espetáculo não é feito para senhoritas.

*Thérèse*

Mas existem certas feridas sociais que seria mais sábio esconder.

*Pommeau*

Para que a gangrena se instale nelas? De jeito nenhum! Podemos expô-las à luz do dia, mas encostando nelas o ferro em brasa. A verdadeira finalidade da comédia não é a de encorajar o vício escondendo o seu segredo, mas o de enfraquecê-lo desmascarando-o. (2002)

Machado de Assis aprovou a liberação da peça. Assim, no ofício de censor, liberou a peça que, ao invés de esconder, mostrava os problemas sociais. Essas idéias atravessaram época. Na primeira metade do século seguinte, é possível observar que a idéia da força moralizadora, através da exposição pública de questões sociais, não estava mais apenas restrita ao teatro. O anônimo

redator de *A Manhã* incorporou este pensamento no texto que escreveu para anunciar aos leitores a publicação em folhetins de *Crime e castigo*.

Essas idéias circulavam amplamente no ambiente carioca, em 1925, quando Nelson Rodrigues entrou como repórter de polícia para *A Manhã* e identificou-se com Raskolnikoff, personagem de *Crime e castigo*. Teatros e cinemas cariocas anunciavam nos jornais da época, por exemplo, *A dama das camélias*, romance no qual, como se sabe, a personagem principal era prostituta e acaba morrendo de tuberculose.

Nelson Rodrigues identificou-se com estes valores, presentes no chamado “espírito de época”, em 1925. Talvez tenha chamado a sua atenção a idéia da “ressurreição moral” de Raskolnikoff, cujo crime o autor russo descreveu de maneira “crua e implacável”, conforme as palavras do redator anônimo de *A Manhã*.

Morbidez? Sensacionalismo? Não. E explico: a ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil, para que não o sejamos. Ele realiza a miséria inconfessa em cada um de nós. A partir do momento em que Ana Karenina, ou Bovary, trai, muitas senhoras da vida real deixarão de fazê-lo. No “Crime e castigo”, Raskolnikoff mata uma velha e, no mesmo instante, o ódio social que fermenta em nós estará diminuído, aplacado. Ele matou por todos. E no teatro, que é mais plástico direto e de um impacto tão mais puro, esse fenômeno de transferência torna-se mais válido. Para salvar a platéia, é preciso encher o palco de assassinos, de adúlteros, de insanos e, em suma, de uma rajada de monstros. São os nossos monstros, dos quais eventualmente nos libertamos, para depois recriá-los. (Apud CASTRO, 1997, p. 273).

O trecho acima, citado no livro de Castro, foi escrito por Nelson Rodrigues em junho de 1957, para a revista *Manchete*, dias antes da entrada em cartaz da peça *Perdoa-me por me traíres*. Nelson, adulto, conhecedor do fenômeno da transferência, esclarece o seu objetivo de resgatar os valores da sociedade através da ficção, que deve ser “purificadora”. Essa idéia de purificação, relacionada ao teatro, é antiga, sendo esse termo utilizado como tradução da expressão grega *katharsis*.

É possível entrever no texto de Nelson uma revisita à função moralizante do teatro realista francês, idéia que foi incorporada aos artigos orgânicos do Conservatório Dramático cerca de um século antes de a revista *Manchete* publicar o comentário do autor acerca da sua peça *Perdoa-me por me traíres*. Com esta apresentação de sua peça, Nelson remonta às idéias do teatro realista francês, isto é, enfatiza a força moralizadora do teatro ao expor publicamente questões sociais.

Denunciar tais questões, ao invés de escondê-las, encontrou acolhida na sociedade carioca além da manifestada pelo conservatório de teatro, na avaliação que Machado de Assis fez pela *Les lionnes pauvres*, de Augier, e, décadas depois, percebida no texto publicado no jornal *A Manhã* para comunicar aos leitores o início da edição, em folhetins, de *Crime e castigo*.

Estas idéias poderiam também estar, revisitadas, por detrás de matérias jornalísticas de polícia publicadas no início do século passado. “O epílogo de um drama passionai”, “Egoísmo de noivo”, “Desvairada!”, publicados em *A Manhã* nos anos 25, 26; “Maria Olga”, “Depois de desfechar três tiros na namorada”, editadas em *O Globo* no mesmo período; ou “Eugenia ateou fogo nas vestes”, *Jornal do Brasil*, 1925; “Os dramas da vida real – não disse a ninguém o seu segredo”, reportagem publicada no jornal *A Noite*, em 1925.

Os textos das matérias cujos títulos foram transcritos acima não estão assinados, mas poderiam ser de autoria do então jovem repórter de polícia Nelson Rodrigues, conforme tese de doutorado de Mariani (2007). Nestas matérias é possível perceber a formatação do texto jornalístico de modo semelhante ao do folhetim, isto é, o fato narrado como se fosse em capítulos: com princípio, meio e fim. A releitura dos textos revela, nas entrelinhas, a idéia da denúncia pública dos fatos e o juízo de valor acerca das ocorrências. Os títulos “Desvairada” e “Egoísmo de noivo”, por exemplo, qualificam os fatos.

#### Os dramas da vida real

Não disse a ninguém o seu segredo

Antes de nascer o dia – Um tiro que não foi ouvido

Aquele homem a gemer, a lâmpada do quarto acesa até aquela hora da manhã, assustaram a empregada da pensão, logo ao acordar-se.

Que teria acontecido ao moço?

A senhora Rosa da Silva Machado, a encarregada, bateu à porta do quarto numa grande aflição. As primeiras pancadas não foram atendidas. Os gemidos continuavam.

[...] Responderam então, de dentro, em voz sumida, quase imperceptível.

Que entrasse, dizia o moço que gemia.

O moço que gemia estava sobre um lago de sangue.

[...] – Matei-me!

Quantos aos motivos, nada ficou apurado. Ao que se diz, foi essa a causa determinante da tentativa de suicídio – a perda do emprego. Há quem afirme, porém, que reside o motivo num caso de amor.

Na delegacia local foi aberto inquérito. A polícia não encontrou nenhuma declaração escripta do quase suicida, que a ninguém, na pensão, revelara antes os seus terríveis propósitos.

Nesta matéria verifica-se a exposição pública de uma questão social da época e o propósito moralizante do redator, que aparece no final do texto, quando qualifica de “terrível propósito” o gesto do quase suicida.

Neste ambiente circulava o jovem Nelson Rodrigues. Se não foi ele o autor da matéria “Os dramas da vida real”, possivelmente leu o texto. Mais tarde, assinou durante dez anos a coluna “A vida como ela é”, no jornal carioca *Última Hora*. Este título desvela uma raiz do modo deste autor ver o mundo, identificando-se com valores do “espírito de época” em 1925-1926, quando tinha 13 anos de idade. Ele transportou esses valores para a vida adulta.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

COSTALLAT, Benjamin. *Mlle. Cinema: novella de costumes do tempo que passa*. Rio de Janeiro: Benjamin Costallat/Micollis Editores (s/d) .

\_\_\_\_\_. *Os maridas*. Rio de Janeiro: Benjamin Costallat/Micollis Editores (s/d).

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JOBIM, José Luis. *Censura e moral: Machado de Assis, Émile Augier e o Conservatório Dramático Brasileiro*. In: *Formas da Teoria*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2002

MARIANI, Luiza Helena Sampaio Corrêa. *Os idiotas da objetividade: Nelson Rodrigues entre o jornalismo e a literatura*. Tese de Doutorado em Literatura Comparada, Universidade Federal Fluminense, 2007.

PEREIRA, Victor Hugo Adler. *Nelson Rodrigues e a obscena contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Campinas: Pontes Editores, 2003.

RODRIGUES, Nelson. *A vida como ela é: o homem fiel e outros contos*. (Seleção Ruy Castro). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. “Os idiotas da objetividade”. In: *A cabra vadia: novas confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SETOR DE FILOGIA DA FCRB (Org.) *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

**TEXTOS DE JORNAIS CONSULTADOS**

“Capítulo LV. E súbito, as redações foram invadidas pelos idiotas da objetividade.” In: *As confissões de Nelson Rodrigues*. O Globo, 1968.

“O nosso folhetim”. In: *A Manhã*, 1925.

“O epílogo de um drama passionaL”. In: *A Manhã*, 1926.

“Egoísmo de noivo”. In: *A Manhã*, 1926.

“Desvairada”. In: A Manhã, 1926.

“Maria Olga”. In: O Globo, 1925.

“Eugenia ateou fogo às vestes”. In: Jornal do Brasil, 1925.

“Os dramas da vida real – não disse a ninguém o seu segredo”. In: A Noite, 1925.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Ensaio para o Congresso de Políticas de Saúde Pública/Oficinas de Grupos de Pesquisa; Metacom, Diversidade-Cultura-Sociedade/ e GPPS/UFSC- UERJ-UNIPAMPAS. Este ensaio foi objeto de apresentação oral, de modo resumido, em uma oficina do grupo de pesquisas METACOM, durante o referido congresso.